

# LACUNAS NA ARQUIVÍSTICA: UMA PERSPECTIVA FILATÉLICA

Diego A. Salcedo  
Graduando em Biblioteconomia  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

## Introdução

Viver no que hoje é denominado de “Era da Informação” pode, de vez em quando, provocar uma sensação de que estamos sendo guiados pelos acelerados avanços científicos e tecnológicos. Em vários setores da sociedade têm ocorrido diversas transformações marcadas pelo uso maciço e, muitas vezes, exacerbado da informação.

No panorama mostrado acima, o ser humano se desenvolve em âmbito particular e universal utilizando-se de ferramentas interacionais as quais estão subsidiadas por esta entidade conhecida como “informação”, sendo que esta última surge e povoa diversos e diferentes contextos no tempo-espaço.

A informação inserida num contexto social sempre foi importante para qualquer sociedade, em qualquer contexto histórico. O que constantemente está sendo modificado é o papel e a relevância da informação em dado contexto (SARACEVIC, 1999, p. 1054).

Mas o que é informação? Para que serve? Temos necessidade de sua absorção diária, nos moldes atuais? Estas e outras perguntas poderiam muito bem encorpar algum campo de pensamento filosófico, que juntamente com outras áreas de estudo entendem a importância da informação junto à evolução da humanidade, além da concordância global de que sua conceituação é sempre difícil. No mínimo, pode-se afirmar que: *a informação é uma entidade elementar e imprescindível, independentemente do ponto de vista que seja abordada.*

Na literatura disponível ainda não foi elaborado um conceito universal da informação que abranja satisfatoriamente todas as ciências. Cada campo do saber relaciona sua(s) linha(s) de investigação à informação numa perspectiva ideológico-discursiva, buscando adequar seu uso às causas pertinentes da área.

Dentre as diversas áreas de investigação científica surgiu em meados da década de 50, um campo que iria ser denominado de Ciência da Informação. De acordo com Carvalho (1999, p. 51):

[...] a Ciência da Informação é um campo recente e que surgiu da demanda social pela otimização dos processos de coleta, armazenamento, recuperação e disseminação da informação científica e tecnológica, cuja produção apresentava um crescimento exponencial ao final da década de 50 – a chamada ‘crise da informação’.

Mesmo dentro das áreas de investigação desta nova ciência, a informação encontra dificuldade para ser tratada num padrão que agrade a todos daquela comunidade científica. A informação com relação à Ciência da Informação encontra sua epistemologia delimitada num escopo que contém desde os conceitos mais triviais até os mais complexos.

A partir da década de 60, o impacto causado na sociedade pelo nascimento da Ciência da Informação, o papel da informação na sociedade e a utilização das ferramentas tecnológicas no seu processamento foi imenso. Para Borko apud Saracevic (1996, p. 45):

CI é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, forças que governam seu fluxo, e os meios de processá-la para otimizar sua acessibilidade e uso. A CI está ligada ao corpo de conhecimentos relativos à origem, coleta, organização, estocagem, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e uso da informação[...].

E neste contexto de uma ciência embrionária e de uma definição de informação diluída dentre as diversas de conhecimento que o presente trabalho vem ganhando forças e tornando-se pertinente.

A Ciência da Informação deve ser entendida neste estudo como uma área de conhecimento que pode conter em seu escopo de investigação, diversas outras áreas como: Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, Comunicação Social, Linguística, Psicologia, Ciência Cognitiva e Computacional, dentre outras tantas. Todas devem e podem manter uma relação multi, trans e interdisciplinar com a Ciência da Informação.

Dito isto, o foco principal das reflexões e dos estudos que vem sendo realizados, dentro e fora do âmbito acadêmico, busca ampliar o conceito histórico-reducionista-estruturalista que hoje se tem sobre a Filatelia e sua inegável relação com a Arquivologia.

Além de tentar provar essa relação, também se busca incluir a documentação filatélica, entendida como uma fonte de informação visual e textual no âmbito dos estudos da Ciência da Informação, da Biblioteconomia, da Arquivologia e da Museologia.

No que concerne a este documento, a relação da Arquivologia (como parte integrante da Ciência da Informação) e sua relação direta com a Filatelia é explorada de forma não muito ampla, mas apenas introdutória. Outros trabalhos serão elaborados abordando a temática, aqui delimitada, com maior amplitude e profundidade teórico-conceitual. Vale salientar que a visão de que se tem dessa relação suscita uma leitura crítica. Logo, aceita-se toda e qualquer declaração que possa ampliar o escopo temático tratado.

A flexibilidade que surge de uma introspecção e exploração da relação entre a Ciência da Informação, a Arquivologia e a Filatelia, é suficiente para que se considere uma

abordagem onde algumas conclusões devam ser entendidas como hipóteses e sugestões, as quais por ventura acarretarão estudos mais formais (empíricos), possivelmente no campo de atuação da Pós-Graduação.

A reflexão crítica sobre a evolução da Ciência da Informação, da Arquivística e da Filatelia além de sua relação com perspectivas históricas, sociológicas, filosóficas, tecnológicas, educativas e interdisciplinares, contribui para um discernimento mais amplo e seguro de que a Filatelia insere-se, por definição, no tratamento formal destas áreas de conhecimento.

### **Ciência da Informação**

Esta nova ciência ainda sugere que muitos estudos deverão ser desenvolvidos para que possa amadurecer e encontrar definições mais abrangentes e profundas. Talvez o fato de ter como objeto de estudo um termo tão polêmico e complexo (informação), ausente de definições claras e objetivas, contribua para que a Ciência da Informação apresente os mesmos problemas conceituais em relação a sua própria compreensão como ciência.

Para alguns autores “...a própria ciência da informação não foi claramente definida, nem há consenso sobre o que, de fato, ela seja”. (EUGÊNIO et al, 1996, p. 34).

Na Ciência da Informação, assim como em diversas outras novas ciências, existe um processo dinâmico de desenvolvimento no qual teorias, modelos, padrões estruturados e bem definidos ainda são amplamente discutidos pela comunidade científica.

Este quadro abre precedentes para que novos paradigmas e diretrizes de estudo surjam nas mais diversificadas sub-áreas de pesquisa. Assim de acordo com Loureiro e Pinheiro (1997):

Tem sido assinalada a ausência, na área, de um corpo de fundamentos teóricos que possam delinear o seu horizonte científico, e ainda se encontra em construção a epistemologia da ciência da informação ou a investigação dos conhecimentos que a permeiam. A falta de estudos nessa linha e, mesmo, a presença incipiente de teóricos, mantém a Ciência da Informação em um estado de fragilidade teórico-conceitual.

A partir do momento em que na Ciência da Informação o foco de pesquisa foi evoluindo, seu conceito e sua abrangência enquanto ciência foi estreitada, como afirma Goffman apud Saracevic (1996, p. 46):

O objetivo da disciplina CI deve ser o de estabelecer um enfoque científico homogêneo para o estudo dos vários fenômenos que cercam a noção de informação, sejam eles encontrados nos processos biológicos, na existência humana ou nas máquinas.

Conseqüentemente, o assunto deve estar ligado ao estabelecimento de princípios fundamentais que direcionam o comportamento em todo processo de comunicação e seus sistemas de informação associados... (A tarefa da CI) é o estudo das propriedades dos processos de comunicação que devem ser traduzidos no desenho de um sistema de informação apropriado para uma dada situação física.

Usando a citação anterior como gancho, pode-se afirmar que numa perspectiva de um processo de comunicação qualquer, tendo como seu subsídio elementar a informação, se possa estudá-lo do ponto de vista da Ciência da Informação. Sendo assim, abre-se precedente para que a documentação filatélica, enquanto suporte informacional da Filatelia, e resultado de um processo de comunicação postal, vá de encontro à Ciência da Informação.

O sistema de comunicação utilizado desde os primórdios da humanidade, inclui dentre outros o envio de correspondência e a emissão de selos postais, sendo estes últimos os objetos de estudo a serem analisados. O selo postal enquanto suporte informacional e documento filatélico, insere-se como objeto de estudo no escopo da Ciência da Informação.

Ainda, segundo Jardim e Fonseca (1998, p. 369):

O esforço interdisciplinar inerente à Ciência da Informação vem apostando nas vantagens da harmonização entre conhecimentos informacionais e políticas de gestão institucional. Tais esforços têm como objetivo favorecer o usuário no processo de transferência da informação, seja ela de natureza, arquivística, biblioteconômica ou museológica, no âmbito de um espaço documental tradicional ou virtual.

Utilizar como objeto de estudo o selo postal num panorama baseado em teorias e modelos da Ciência da Informação, faz parte de uma jornada ambiciosa, e para alguns até pretensiosa. De fato, inserir um novo elemento que aceita uma visão analítica e científica, com pouca literatura científica publicada e, que ao mesmo tempo é apenas parte de uma atividade humana lúdica (coleccionismo filatélico), ocasiona as mais diversas reações.

Outrossim, tratar de buscar empreender também no meio acadêmico é salutar e, deve ser visto como um avanço particular, se o parâmetro de comparação for à postura passiva e a cultura da pouca leitura que permeia a cultura brasileira.

## **Arquivologia**

Não faz parte deste trabalho delimitar o escopo de abrangência da Arquivologia com relação à Ciência da Informação, e/ou outras áreas. O que interessa, é entender que ambas trabalham sob a luz de que a informação é o subsídio essencial à transmissão de mensagens, contidas num processo de comunicação.

Tanto a informação como o documento, são termos polissêmicos tão amplamente usados pelos mais diferentes segmentos da sociedade que a explicação quanto ao sentido em que estejam sendo utilizados se torna quase uma obrigação.

A informação deve ser entendida como dados que são organizados e comunicados. Por sua vez, documento vai ser conceituado como qualquer suporte que tenha em seu corpus uma informação registrada. Desta forma, a Filatelia contém no seu escopo conceitual toda e qualquer documentação filatélica.

A amplitude de características físicas e simbólicas dos documentos levou à construção de referenciais teóricos e práticos de organização e preservação. Os documentos considerados de arquivo apresentam algumas características que os diferem de outros documentos que podem conter informações de valor científico, histórico e cultural.

É aceita a colocação de Roncaglio (2005, p. 2):

Em primeiro lugar são documentos produzidos e/ ou acumulados organicamente no decorrer das atividades de uma pessoa, família, instituição pública ou privada. Ou seja, os documentos são criados uns após os outros, em decorrência das necessidades sociais e legais da sociedade e do próprio desenvolvimento da vida pessoal ou institucional. Em segundo lugar, os documentos de arquivo são produzidos com finalidades específicas para atender várias demandas de informações. Embora alguns documentos possam, no seu momento de criação, já ter um valor histórico a produção da maioria dos documentos atende primeiramente as necessidades burocráticas, administrativas ou legais.

É neste contexto que existe uma ligação inequívoca entre a documentação filatélica, os arquivos e a Arquivologia. A informação filatélica, estudada aqui sob o prisma da informação registrada no selo postal, que por sua vez é um tipo de documento filatélico produzido pelo Estado, cabe no ciclo da informação arquivística, nos estudos da Arquivologia de forma geral e, ainda, sob a perspectiva dos Arquivos (entendidos aqui como instituições sociais).

Num outro momento, o conceito de arquivo enquanto Instituição será mais amplamente abordado. Esta abordagem tentará relacionar o papel institucional desempenhado por um Estado-Nação qualquer, ao emitir documentos filatélicos e sua relação direta com a Arquivologia.

Para fins deste primeiro trabalho, a corrente de estudo da Arquivologia americana e canadense, e a européia são vistas como complementares. Tanto características institucionais dos arquivos (estrutura física; responsabilidade social), como da informação arquivística (estrutura lógica; ciclo informacional), são reconhecidas nas pesquisas em ambas as escolas.

Por tanto, enxergar a complementaridade das informações geradas pelas correntes citadas anteriormente só pode agregar valor ao estudo que hora se dá como iniciado. É interessante observar que o Brasil absorve as idéias de ambas as correntes e busca lentamente evoluir seu próprio conceito de Arquivo, da Arquivologia e da Ciência da Informação.

No Brasil, segundo Jardim e Fonseca (1998, p.373):

A informação arquivística produzida pelas organizações cumpre um ciclo que envolve sua produção, processamento, uso e estocagem em dois contextos: primeiramente, no ambiente organizacional da sua produção e, num segundo momento, no marco das instituições arquivísticas responsáveis pela normalização da gestão de documentos correntes e intermediários, bem como pela preservação e acesso ao patrimônio documental arquivístico.

Entende-se, ainda, que o Arquivo (estrutura física) é uma instituição, elemento de uma estrutura social que reflete a cultura que a gerou e, que por outro lado, atua em retorno veiculando seus valores, crenças e padrões, contribuindo para preservação e disseminação da própria cultura (GOMES, 1982, p. 19).

No sentido adotado para Arquivo no parágrafo anterior, o Brasil produz anualmente (desde 1843) documentos filatélicos dos mais diversos. A representação cultural brasileira através das emissões filatélicas, tanto no cenário nacional como internacional, conferem a estes documentos um valor também social.

Esta produção possui uma história muito rica de informações que vão desde antes da emissão do primeiro selo postal (Olho-de-Boi) durante o Império, até os dias atuais. Alguns pouquíssimos livros foram publicados contando essa história. No momento, esta parte específica da filatelia brasileira não será aprofundada.

Com relação a publicações sobre documentos filatélicos e sua relação com a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação, nada foi encontrado em recente levantamento (on-line, durante Maio de 2005) realizado nos seguintes periódicos: *Arquivo & Administração*, *Acervo*, *Ciência da Informação*, *Archivaria*, *Archival Science* e *American Archivist*.

### **Considerações Finais**

O que é relevante colocar está baseado no entendimento global de que se um Estado produz um documento, este por sua vez deve submeter-se à Legislação vigente que trata dos Arquivos, nas suas diversas esferas.

No caso específico do Brasil, toda documentação filatélica emitida é resultado de um processo de seleção, regido por uma comissão nacional na esfera federal e, emitida por uma empresa estatal, a saber: a Empresa Brasileira dos Correios (ECT). Sendo assim, por definição, todo documento filatélico é um documento de âmbito arquivístico.

Por ora podemos definir o termo filatelia (em Inglês - *Philately*) derivado da junção dos fonemas gregos *philos* (significa - amigo) e *ateléia* (significa - isento, livre etc.). Ou seja, numa forma primitiva de definir o termo filatelia se enfatiza a importância da amizade que se deve ter com o selo postal, procurando saber como ele é feito, de que é feito e para que serve. (QUEIROZ, 1989, p. 15).

Como forma de ampliar esse entendimento sobre a filatelia, defende-se que a relação entre o selo postal e o observador perpassa os limites do colecionismo e agrega do ponto de vista dos estudos da Iconografia e Iconologia, conceitos que ampliarão o corpus de pesquisa. Além disso, entender o processo de produção, de disseminação e de consumo é de fundamental relevância para relacionar o objeto em questão a contextos sócio-culturais.

De forma ingênua e bastante resumida, tentou-se relacionar a documentação filatélica como objeto de estudo da Arquivologia, e subsequentemente da Ciência da Informação. Outros estudos estão sendo realizados para fundamentar mais amplamente esta relação. De certo, que tudo isto sugere uma postura ativa, tanto na ação como em pensamento, do profissional que atua nas diversas áreas citadas anteriormente.

O profissional que utiliza a informação como objeto de trabalho e estudo deve assumir uma postura ativa e conseqüente, a saber: o de agente transformador da sociedade. Deve assim, gerar uma cultura dinâmica e interativa.

Entende-se, também, que a Biblioteconomia tem um papel fundamental para o discernimento da relação defendida neste texto. O treinamento e o estudo das teorias que permeiam a Biblioteconomia são de fundamental importância para compreender a relação, e atuar nela da forma mais interdisciplinar possível.

Como primeira conclusão se pode afirmar que, sendo o documento filatélico um tipo de documento histórico e de valor permanente e, o arquivo uma prática identidade, memória viva, processo cultural indispensável ao funcionamento no presente e no futuro, é relevante iniciar estudos onde toda esta relação seja tratada e, quando necessário, seja abordada baseada em fundamentos oriundos de outras áreas de investigação científica.

## Referências Bibliográficas

ALONSO, D. V. Lenguaje e información. *Data Grama Zero*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, ago. 2001. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/ago01/F\\_I\\_art.htm](http://www.dgz.org.br/ago01/F_I_art.htm)>. Acesso em: 10 jul. 2005.

CARVALHO, E. C. A natureza social da Ciência da Informação. In: PINHEIRO, L. V. R. (Org.). *Ciência da Informação, Ciências Sociais e interdisciplinaridade*. Rio de Janeiro: IBICT, 1999. p. 51-63.

EUGÊNIO, M. et. al. Ciência da Informação sob a ótica paradigmática de Thomas Kuhn: elementos de reflexão. *Perspectiva em Ciência da Informação*. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 27-39, jan./jun. 1996.

GOMES, Sônia de Conti. Biblioteca e Sociedade: uma abordagem sociológica. *Revista Escola de Biblioteconomia*, Belo Horizonte, 11 (1): p 19, mar. 1982.

JARDIM, J. M.; FONSECA, M. O. Arquivos In: *Formas e Expressões do Conhecimento*. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia, 1998, 369-389.

LOUREIRO, J. M. M.; PINHEIRO, L. V. R. Traçados e limites da Ciência da Informação. *Advances y Problems*, v. 10, n. 3, 1997. Disponível em: <[http://infolac.ucol.mx/boletin/10\\_3/innovaciones.html](http://infolac.ucol.mx/boletin/10_3/innovaciones.html)>. Acesso em: 10 maio 2005.

QUEIROZ, Raimundo Galvão de. *O Que é Filatelia?* 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989, 87 p.

RONCAGLIO, Cynthia, et al. Arquivos, Gestão de Documentos e Informação. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, número especial, 2004. Disponível em: <[http://www.encontros-bibli.ufsc.br/bibesp/esp\\_02/1\\_roncaglio.pdf](http://www.encontros-bibli.ufsc.br/bibesp/esp_02/1_roncaglio.pdf)>. Acesso em: 23 jul 2005.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

\_\_\_\_\_, T. Information Science. *Journal of the American Society for Information Science*. 50 (12): p. 1054, out. 1999.